ANO 3.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1923 N.º 819

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas:
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 45

AFONSO XIII, quando da sua recente viagem á Italia, visitou, entre outros estabelecimentos de ensino, o colegio *Pio Latino Americano*, no qual se educam para o sacerdocio jovens das republicas hispano-americanas. Um dos alunos, apresentando os cumprimentos de boas vindas ao monarca, exclamou a certa altura do discurso:

—Nós, republicanos, impenitentes, proclamamos Vossa Majestade rei de todos os hispano-americanos.

O rei—segundo conta o cardeal arcebispo de Toledo que o acompanhava—tomou aquelas palavras para tema do seu improvisado discurso de agradecimento, e disse:

—Vós, republicanos, proclamais-me rei dos hispano-americanos, sem abdicardes da vossa convicção republicana; e fazeis bem, porque, como a Igreja ensina e como é doutrina catolica, as formas de governo são acidentais em si; o que importa é governar os povos com justiça para lhes proporcionar a felicidade, sem nunca que, como Deus disse na Sagrada Escritura, *Per me reges regnant, et legum conditores justa decernunt.*

* * *

UM leitor do *Diario de Lisboa* pede-nos que o informemos se este anó tambem se fará venda de perus, no Rocio. Apesar dos esforços empregados, nada conseguimos apurar. Cremos, porém, que como nos anos anteriores, o peru transitará por todas as ruas e praças livremente, sendo negociado *in loco*.

E' facto que a Camara Municipal nomeou ha tempos uma comissão de estetica, a fim de ser ouvida nos assuntos em que o culto do Belo reclame a sua intervenção.

Até á data essa comissão existe simplesmente... no papel.

Chama-la á actividade, a fim de opor-se ao *giu-giu* da peruaria, nos sitios mais lustrosos da cidade, isso seria condena-la desde já a um insucesso absoluto, visto que, numa terra onde os cães e os gatos gosam de tantas liberdades, não se pode criar um regime de excepção para os grandes galinaceos que só veem a Lisboa pelo Natal, formando um orfeon.

* * *

RECEBEMOS o livro *No Exilio*, do sr. dr. Bernardino Machado. O ex-Presidente da Republica, faz nesse livro apenas a historia documental do seu exilio durante o periodo dezembrista, não a fazendo acompanhar de quaisquer comentarios. Através dos documentos inseitos *No Exilio*, ressalta o cuidado posto pelo sr. dr. Bernardino Machado em todos os seus actos.

* * *

ARNALDO Pereira, jornalista que ás gazetas deu toda a sua mocidade e o seu talento, encontra-se bastante doente ha algum tempo.

O seu estado de saude melhorou, felizmente, durante o dia de hoje.

* * *

ESTÁ em Lisboa, vindo de Londres, onde se foi ocupar de assuntos que se prendem com o convenio luso-transvaliano, o sr. dr. Augusto Soares, antigo ministro dos Estrangeiros.

* * *

NA Academia de Sciencias, realisa-se hoje, pelas 9 e meia, o doutoramento em Direito do ilustre professor francês Leon Duguit, que ontem chegou de Coimbra, onde realisou algumas interessantes conferencias.

UM LIVRO

A CIVILISAÇÃO

O problema da liberdade nasceu nas cidades, onde os homens se vêm tão proximos que se poderiam degolar, ao subir a mesma escada, e ao mesmo tempo tão distantes que, apesar de habitarem o mesmo predio, se desconhecem, como se só o acaso os aproximasse e não o pensamento ou o coração.

Quem vive em contacto com a natureza não necessita cuidar dos direitos da sua pessoa. Tem mais interesse em radicar-se á terra, que dá o pão, o vinho, a alegria e a paz, que desenvolver e complicar as suas simpatias ou os seus odios humanos.

Junto das arvores, dos pomares, dos rios, dos montes, das searas e dos jardins não se sente mais que o desejo de entregar ás coisas o nosso ser, fatigado de viajar entre as formas imperfeitas e de namorar quimeras que, sendo filhas dos nossos nervos sobrexcitados, vivem da nossa carne, do nosso sangue e da nossa alma.

No campo, tudo concorre para pacificar os exasperos da nossa sensibilidade: os horisontes são maiores que as ambições dos cavadores; as estradas talvez sejam estreitas para os que sonham com mundos novos, mas bastante largas para quem sai da sua casa, afim de ir ao mercado, ao templo ou ao tribunal; os dias que se sucedem parecem-se tanto com os dias decorridos que a experiencia dos pais é igual á experiencia dos filhos...

Os corpos movem-se, os cerebros repousam.

Outro tanto se não pode dizer das cidades, onde a população se acumula de tal modo que não há lugar para a naturesa.

Como falta a paisagem, o drama surge para a substituir.

Entre homem e homem, não existe o espaço indispensavel, para que as suas crenças, as suas ideias ou os seus apetites se não molestem.

A sociedade organiza-se para compensar a perda da selva primitiva: dentro desta, o troglodita julga-se um elemento integrante da urbe vegetal. A vida que o anima não o diferença dos sicomoros ou das palmeiras.

Nos altos planaltos ou á beira dos rios, esboçou-se a cidade. Esta cresce, alarga-se, embelesa-se e perverte-se, á medida que as espessuras desaparecem, tornando possivel a agricultura e o comercio de viveres.

O misterio das fiorestas renasce nas capitais, não o que se gerava nas sombras palpitantes dos ramos entralaçados, mas o que brota da variedade e desemelhança dos sentimentos.

A afeição do homem á arvore é uma fonte cristalina de poesia, de paganismo, de eclogas e de amores faunescos.

Quando, porem, a cidade se apresenta já constituida — milhares de criaturas amontoadas numa pequena extensão, referventes de ambições e loucuras, sofrendo da tortura de sentirem a selva longinqua como um paraiso perdido — nós fazemos parte dela, ainda mais pelas nossas revoltas que pela submissão satisfeita dos nossos gostos ou aspirações.

A cultura que as *élites* elaboram, converte-se na civilização das turbas. Tudo o que veio do passado — adivinhações e profecias concebidas sob o luminoso sopro da primavera — começa a ser destruido.

A sciencia, que não possue a noção ritmica da vida nem o assomo alto e divino da religião, apenas se julga segura e forte, resolve tornar-se dramatica, revolucionaria, governativa e libertadora.

Em nome dela, se elaboram as leis e se educam as gerações. A razão propõe-se assim matar o terror que dorme fundo, no nosso inconsciente.

Estaremos no fim da treva prehistorica? Esta é imortal, digam o que queiram os que se comprazem em desconhecer a alma humana. Por mais que nós caminhemos para o sol, dentro de nós ha um limite irrefrangivel para a luz exterior, para o saber superficial. A selva primitiva não morre, porque está enraizada em nós — a coberto, portanto, de golpes desvairados.

Nela se conserva o silencio em que se ouve o rumor das esferas, mas não o tumultuar das paixões.

Só os ignorantes pretenciosos desconhecem a sua existencia.

Se a sciencia conseguisse, realmente, esmagar na nossa intimidade o misterio milmar que nos acompanha, a escuridão sagrada que nos ilumina, o nosso destino seria um vulgar assunto de novela.

Nós desprendiamo-nos de Deus e a civilização, tomando conta de nós, conduzia-nos para a liberdade, na plenitude das satisfações materiais.

A cidade repartiria a riquesa e nós, de digestão em digestão, acabariamos por morrer de felicidade, se antes disso nos não revoltassemos para pedir esmola. á porta dos santuarios, com o intuito de rehavermos a nossa fé perdida!

(Do livro *O Fulgor das Cidades*, prestes a saír)

Joaquim Manso

DO sr. Francisco Antonio Correia, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director:—A proposito das relações comerciais com a França transcreve o seu conceituado jornal alguns periodos do relatorio da minha missão oficial áquele país, no numero de ontem, sem referencia alguma. Ora, o mencionado relatorio foi entregue a S. Ex.ª o Ministro dos Negocios Estrangeiros em 15 de Agosto ultimo e a sua publicação ordenada por despacho ministerial da mesma data.

Desconheço o estado da questão no presente momento, mas ainda mesmo que assim não fosse, tendo terminado a minha missão em Junho, não seria rasoavel pretender influir na marcha das negociações, como poderão erradamente supor aqueles que não leram o relatorio.

A minha conferencia com os delegados da Camara portuguesa de comercio, em Paris, que actualmente se encontram em Lisboa, teve apenas um caracter particular e impunha-se como um dever de cortezia para corresponder ás inumeras atenções com que me distinguiram por ocasião da minha estada em França.

Agradecendo a publicação desta carta, creia-me de V., etc.—*Francisco Antonio Correia.*

* * *

O POSTO de Monsanto, pertencente aos serviços radiotelegraficos da Armada, é o melhor dos que possuimos. Ele não pode, porém, fazer o serviço dos navios mercantes, porque os Correios e Telegrafos, ao que nos informam, não lhe recebem o serviço. O posto radiotelegrafico do campo de aviação da Amadora, que é dependente do exercito, faz, com o acordo dos Correios e Telegrafos, serviço identico.

Como explicar esta desarrumação anomala de serviços publicos que exigem, aliada á competencia, uma inteligente colaboração?

E o mais curioso, para concluirmos, é que o posto da Amadora pertence, tambem, á Marinha, estando, por cedencia, na posse do Exercito, que, para se servir dele, usa pessoal contractado. Não existe, pois, nem sequer a estranha explicação de uma estranha fobia dos Correios e Telegrafos pela Armada.

* * *

RECEBEMOS a opera de camara em um acto *Fantochines*, libreto de Tomás Borás e musica de Conrado del Campo, ilustrada por Bagana. Trata-se duma edição invulgar duma das operas que maior exito obtiveram ultimamente no teatro de S. Luis.

A edição dos *Fantochines*, que é primorosa de factura, pertence á *Editorial Marineta* de Madrid.

* * *

O POETA Cruz Magalhães acaba de publicar um folheto *O inverosimil* (conferencia proibida) que é uma engraçada *charge* á moderna sociedade portuguesa.

* * *

EDITADA pela revista *Broteria*, de Coimbra, recebemos uma interessante novela moralisadora de Francis Finn, intitulada *Claudio Lightfoot*, tradução de A. F. Neto.

* * *

CHEGOU ontem a Lisboa, vindo de Madrid, o nosso querido colega de redacção Artur Portela.

* * *

OS srs. drs. Augusto de Vasconcelos e Moura Pinto conferenciaram hoje com o sr. ministro das Finanças.

* * *

PARTE para Roma, na proxima semana, o nosso ministro junto do Vaticano, sr. dr. Pedro Martins.

As linguas

O Esperanto e o chinês

Que o leitor receba esta novidade como pequeno premio do grande interesse que vai tendo pelo Esperanto.

A lingua mais facil, o Esperanto, tem muitos pontos de contacto com a lingua mais dificil, o chinês.

Ha talvez um mui remoto parentesco, entre as linguas mortas, o *tanscrito*, cabeça do sistema linguistico indo-europeu, e o *kouwen*, chinês antigo, lingua dos antigos classicos e monumentos.

E aqui as analogias que se encontram entre as duas linguas.

Prefiro crer, no entanto, que todas as linguas têm uma logica e uma sintaxe comuns, quer sejam, como no Esperanto, de uma sintese admiravel, quer, como no chinês, ocupem a vida de um homem no seu estudo.

Os caracteres hieroglificos do chinês, tipicos nas chinesices e nas caixinhas de charão, que só por si representam um enfeite que deleita a nossa curiosidade dão-nos uma familia de cêrca de quarenta mil individuos, que combinados com os duzentos e catorze radicais que a gramatica aponta, fazem desta lingua o quebra-cabeças dos sabios.

E contudo o chinês tem tambem regras que são de uma logica e de uma simplicidade verdadeiramente esperantistas.

Senão vejamos:

Os afixos que estamos habituados a ver empregar sem nenhuma regularidade nas nossas linguas, têm no Esperanto e no chinês um emprego absolutamente regular.

Ha em chinês um afixo que encerra a ideia de *boca* e que se encontra em todas as palavras em cujo sentido a boca tem influencia, como seja gritar, chamar, declamar, cantar, etc.; as palavras, como mar, onda, ribeiro, etc., pertencem ao grupo do radical *ogua* e assim por diante.

Todos sabem, mesmo os que só estudaram a sua propria lingua, a dificuldade imensa que ha no estudo dos verbos. Pois no Esperanto e no chinês, este estudo fica reduzido ao minimo.

Vamos conjugar em chinês o indicativo do verbo *ter:*

Eu tenho	Vo jau
Tu tens	Ni jau
Ele tem	Ta jau
Nós temos	Jomun jau
Vós tendes	Nimun jau
Eles teem	Tamun jau

Como vemos, o que forma a pessoa é o pronome, pois a forma verbal propriamente dita é identica em todas as pessoas.

Para se formar o passado, o futuro e o condicional, acrescenta-se ao radical o afixo *i*, que quer dizer *já* (já se praticou a acção), o afixo *cang*, que quer dizer *em breve*, e *ho*, que significa *positivamente*.

Eu terei, será em chinês *Vo cong-jau*.

Eu tive, será *Vo i-jau*.

Identicamente em Esperanto com o radical latino *hav* forma-se:

O inf.o	havi,	ter
O ind.o pres.	havas,	tenho
» pret.	havis,	tive
» futuro	havos,	terei
» cond.	havus,	teria
» conj.	havu,	tenha

Logicamente são os pronomes pessoais ou o sujeito da oração que formam as pessoas.

Realmente ninguem diz: eu fizemos, nem: nós comi.

Com os numerais tambem o Esperanto e o chinês são analogos:

Em Esperanto	Em chinês
1 Unu	1 i
2 Du	2 l'
3 Tri	3 San
4 Kvar	4 si
5 Kvin	5 vu
6 Ses	6 lu
7 Sep	7 ci (leia-se *tsi*)
8 Ok	8 ba
9 Nau	9 gin (leia-se *djin*)
10 Dek	10 si (leia se *chi*)

Em Esperanto digo: dekdu, doze, e dudek, vinte; em chinês será: sivu, quinze, e vusi, cincoenta.

Em Esperanto, 100 é cent, em chinês 100 é be; diremos, portanto, 300, respectivamente, tricent e sanbe.

Individuos medianamente cultos, que não sabem Esperanto e o querem traduzir ou o ouvem falar devagar, compreendem-no e dizem:—«E' parecido com a nossa lingua; mas com certeza os ingleses encontram grandes dificuldades.»

A afirmação é ignorante.

Onde estaria a comprovada internacionalidade do Esperanto, se sómente uns certos a pudessem estudar?

Não, ela está ao alcance de todos e o campo da sua internacionalidade é tão vasto, que acabamos de vêr algumas das analogias que tem com o proprio chinês.

Quero no entanto affirmar de uma maneira positiva e categorica, que o chinês é uma lingua tão dificil quanto é facil o Esperanto.

Isto para que não suceda que o sr. Viriato Lobo, supondo o chinês facil, e sabendo das boas fontes em que costuma beber que este não é bolchevista, o queira influir para que o imponham como lingua auxiliar internacional.

E apesar de tudo, eu creio que o sr. ex-governador civil fosse capaz de uma dessas.

Saloanha Carreira

Salão Foz

Um colossal programa

Os artistas de variedades que actualmente se apresentam no Salão Foz constituem um nucleo de esmerada escolha e cujo exito raras vezes tem sido atingido entre nós.

O admiravel ilusionista FRAKSON é o artista mais completo no seu genero. As suas sortes de prestidigitação, executadas em plena plateia, a todos maravilha e intriga. MONNA MY, a endiabrada cançonetista francesa nas suas azougadas interpretações de uma graça é comico irresistiveis; MARTA SEVILLA, nos seus «couplets» alegres e sentimentaes; e CARMEN MORA, nos seus bailados espanhoes, têm ouvido os mais entusiasticos aplausos do publico, que em grande numero tem acorrido ás «matinées» e «soirées» destes atraentes espectaculos. No «écran», o «film» de arte «Sinais do amor», 6 actos, por Constance Talmadge.

A ARTE E O PUBLICO

LISBOA

CAPITAL DE PORTUGAL

e a companhia italiana

de Dario Niccodemi

Se nos fosse possivel guardar ainda uma restea de ilusão ácerca de Lisboa e da sua perfeita irresponsabilidade mental, da sua acephalia, da sua total ausencia de espirito e de caracter, o espectaculo que a sua parvitica mentalidade n'estes ultimos dias nos tem oferecido, perante a Companhia Dramatica Italiana, de Dario Niccodemi, inexoravelmente nos teria destruido já esse derradeiro, ineffavel engano.

Lisboa, cidade sem alma e sem coração, choramingas e fadista, ignorante e credula, com uma emotividade toda de superficie e de catitismo, «pussle» imensa de pequeninas aldeias, de pequeninos bairros, de pequeninas intrigas, é capaz de cahir em deliquio perante as coplasinhas duma vulgar cançonetista espanhola, mas volta as costas a um grande chefe de orquestra português; esgota as ca-

DARIO NICCODEMI

(*por Menezes Ferreira*)

sas e atrôa os ares com palmas, jantaradas, crachás de funambulismos grosseiros d'um sr. Lugné Poë, mas deixa crivar-se de dividas e de amarguras a uma Italia Vitaliani; e basta apenas que do outro lado dos Pyrineus o videirismo dos audaciosos e olympicos cabotinos de «boulevard» rufe clamorosamente no ôco tambor das celebridades de exportação, para que logo, inconsciente e açodada, venha para a rua, a formar alas de pasmaceira, ou a incorporar-se no espalhafatoso cortejo, com as zumbaias e a algazarra dos gaiatos das suas vielas.

Assim, pois, não é de admirar grandemente que os espectaculos da Companhia Dramatica de Dario Niccodemi tenham decorrido ante a mais apagada e vil indiferença publica, no sonulento rumor das nossas discussões caseiras e das nossas intrigas de burgo anarquisado.

E' certo que se cometeu, de principio, um erro palmar de imprevidencia e de inconsequencia.

Quer por parte da empreza, quer por parte da Companhia, não se fez perante o publico a necessaria explicação previa para o iniciar, para o informar delicadamente dos seus elevados objectivos, do seu pensamento de arte, dos seus meios de acção, das suas generosas intenções.

Habituado por demais á pacotilha que de quando em quando o estrangeiro nos expede do «boulevard» com o mesmo espirito charlatanesco do tempo das descobertas em que atochavamos os porões das naus com braceletes de vidrilhos e gorreiças vermelhas para o negroide da Zuhelandia — desiludido, desconfiado, portanto, plenamente se justifica a reserva e á frieza do publico deante dos sóbrios cartazes da Companhia Dramatica Italiana que anunciavam para sabado «A Aigrette», precisamente uma das peças de Niccodemi, quasi desconhecida em Lisboa.

Mas agora que revelados, com a interpretação prodigiosa da «Aigrette», da «Vena d'Oro», da «Morosina», todo o seu maravilhoso e riquissimo poder de creação, a orquestral harmonia de todos os seus elementos, o valor individual dos seus artistas, e a nobre seriedade dos seus processos e dos seus propositos, o divino sopro de beleza que a anima, a clara inteligencia da sua missão estetica, era de esperar que todos aqueles que consideram ainda a Arte, como uma larga janela rasgada na Vida, para o Infinito, se impuzessem o dever de clamar bem alto, de berrar aos endurecidos ouvidos da turba clamorosa e ignara, o que é e ao que vem entre nós a Companhia Dramatica Italiana, de Dario Niccodemi.

Os sagrados momentos de emoção que lhe devemos com a formidavel interpretação da «Vena d'Oro» e da «Aigrette», o delicioso encantamento da alma e dos sentidos em que nos perdemos com essa humorada scintilante da «Morosina» obriga-nos imperiosamente, apaixonadamente a este grito de magua e de alarme, a este estridente apelo, em nome do bom gosto e do bom nome da nosso epoca e da nossa terra.

E o que mais nos custa, o que mais nos magoa é o miserrimo confronto do que entre nós está sucedendo, com o que sucedeu nas capitaes da America Latina-Buenos-Aires, Rio de Janeiro, por exemplo de onde a mesma companhia acaba de chegar, quente ainda e vibrante das noites de gloria que viveu.

Tendo chegado a Buenos Aires, com o compromisso duma serie de 15 representações apenas, por lá se quedou 150 noites, só saindo, abandonando a magnifica cidade, pela imperiosa necessidade de respeitar compromissos anteriormente tomados.

E a Companhia Dramatica Italiana que não anda pelo mundo latino explorando a fama, as toilettes, as excentricidades duma cabotina de genio ou duma troupe lantejoulada de saltibancos, mas tão sómente no desejo elevado e gentil de levar ao coração da grei latina uma emoção pura e perfeita da alma e da Arte da Italia moderna, pensará decerto, com tristesa, na inanidade e na esterilidade de tanto esforço, de tantos anos, de tanta inteligencia ingloriamente sacrificados, á sensibilidade de cortiça duma multidão que se diz tambem latina e herdeira legitima dum grande seculo de Victorias latinos.

Por muito que o modesto autor destas linhas, deva já de emoção pura e de espiritual devoção ao gentilissimo e alado espirito de Vera Vergani, esse «Cisne Negro» de D'Anunzio, por muito que prese e admire o glorioso dramaturgo do «Refugio», da «Inimiga» e da «Casa Secreta», por muito que confunda na sua admiração e no seu louvor os extraordinarios actores que são Luigi Cimara, Ruggiero Lupi, e tantos mais, que nestas ultimas quatro noites têm desfilado em ritual teoria pelo tablado do Politeama, é a Companhia Dramatica Italiana, no seu orquestral conjunto, no inteligentissimo espirito que a galvanisa, na fervorosa e lealissima camaradagem da Arte que a enobrece, no riquissimo potencial de Beleza que representa, que nós, como homem de teatro, como português e como latino, queremos saudar, aclamando-a como a mais maravilhosa e perfeita creadora de beleza que nos tem visitado, deixando mesmo a perder de vista a Companhia de Tina di Lorenzo, que um tão enternecido rasto de saudade e amor entre nós, ha muitos anos, deixou...

O snobismo alfacinha que vai ás companhias francesas para plagiar os modelos, copiar os ademanes, e dar-se ares intelectuais, e tomar atitudes de Dâmaso, e figurar no «carnet» das gazetas, nada tem que ver com estas linhas.

A turba acéfala e endurecida que se arruina para se espojar nas escorrencias das «revistas», para envenenar as escassas fontes do sentimento com os funambulismos idiotas dos «Misterios de Nova York» e dos «Segredos da Mão Fatal», não nos entenderão tambem.

Dirigimo-nos aos homens de coração e de inteligencia!

Carlos Selvagem

"PEROLA DO ROCIO"

Casa especialista em Chá e Café

EXPERIMENTEM o magnifico café desta casa. Envia encomendas contra reembolso.

ROCIO, 105

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Almada e Avranches, viscondessa de Zambujal, D. Elisa Franco de Castro Pinheiro Chagas, D. Maria Ana Guedes de Queiroz Cabral de Almeida Campos, D. Emilia de Barros Lamas, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Maria Amelia da Silveira Bual, D. Margarida Berquó, D. Maria da Conceição de Sousa, D. Maria Teresa de Lencastre Ferrão de Castelo Branco, D. Maria da Conceição Valente Braamcamp de Matos, e D. Maria da Conceição da Fonseca Teles de Castro e Sela.

E os srs.:

Conde do Casal Ribeiro, conde de Castelo Melhor, dr. Antonio José Teixeira de Abreu, dr. Rui Dique Travassos Valdez; dr. Pedro José Bressane Leite Perry de Sousa Gomes, dr. Manuel Magno e Luis de Noronha Vasconcelos Porto.

Casamentos

Foi ha dias pedida em casamento pela sr.ª D. Sebasteana Ferreira Queiroz Mesquita, viuva do sr. Ernesto Freire da Costa Mesquita, para seu filho João, a sr.ª D. Julia Correia, interessante filha do sr. D. Maria José Correia e do sr. Luis Correia.

O casamento realizar-se ha no proximo dia 1 de Janeiro.

—Está justo oficialmente o casamento da sr.ª D. Teresa Martins Pereira, gentil filha da sr.ª D. Julia Gonçalves Pereira e do sr. Alberto Martins Pereira, com o sr. Jovelino Ferreira da Silva Costa, filho da sr.ª D. Ana Rodrigues Costa e do sr. Manuel Costa.

O casamento deverá realizar-se no Porto, no principio do proximo ano.

Pontos de reunião

No Politeama

Assistencia elegante á recita extraordinaria de ontem da notavel companhia da insigne actriz italiana Vera Vergani:

Madame Lafayete de Carvalho e Silva, condessa de Pinhel (D. Dolores), D. Berta Ortigão Ramos, D. Amelia Mateus dos Santos, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria Berta Ortigão Ramos de Castelo Branco, D. Joana de Castel-Branco Mendes da Silva, D. Maria Antonia de Mendonça de Melo Mendes da Silva, D. Alice Rey Colaço, D. Maria Cerdeiro Requete de Campos Henriques, D. Maria de Oliveira Reis, D. Mary Peixoto, D. Maria Inacia Cabral Moncada do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Aida Mourão Aires de Magalhães de Carvalho, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Margarida Cardon Brandão, D. Lucilia Sousa Ribeiro, D. Maria Petra Viana, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, D. Amelia Rey Colaço Robles Monteiro, D. Jeane Rey Colaço de Castro Freire, D. Rosa Barroso de Morais e filha, D. Maria Sobral Cid, D. Margarida da Mota Canavarro, madame Monjardino e filha, D. Maria Pereira de Melo, madame Abel de Andrade e filha, D. Clara Cortez, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Dulce Simões Portela, madame Simões, D. Maria Abrantes Ribeiro da Costa, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha, D. Berta Cambon, D. Maria Cristina Teixeira de Azevedo, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, etc.

No Cinema Condes

Este elegante «cine» continua, atravez de tudo, a ser o ponto de reunião quotidiano da nossa melhor sociedade, não só por ser o melhor salão animatografico da capital, mas sobre tudo pelos explendidos programas que apresenta. Assistindo ás sessões de quarta-feira recorda-nos ter visto as senhoras:

Viscondessa de Olivã, D. Maria Luiza Santos Tavares Horta Osorio, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filha D. Lucilia, D. Raquel Cardoso de Carvalho, D. Maria Tereza Nunes Correia Abrantes Ribeiro da Costa, D. Ana Emilia Correia Perdigão, D. Angelina Mitre Conceição e Silva, D. Joaquina Mitre e filha D. Odulia, D. Ester Cisneiros Machado da Cruz de Oliveira Duarte, D. Hilda Moutinho Machado da Cruz (Queluz), D. Hilda Magalhães Pedroso e irmã, D. Maria José Pereira de Lima, D. Maria Eduarda da Costa Freitas e filhas D. Maria Augusta e D. Maria Emilia, Mesdemoiselles Castro, etc.

No Apolo

Hoje realisa-se neste elegante teatro mais uma recita da moda, em que se representa a chistosa revista «Vida Airada», que todas as noites atrai ao Apolo uma selecta concorrencia. A noite de hoje vai decerto revestir grande brilhantismo, pois sabemos que estão desde já tomados grande numero de camarotes pelas principais familias da nossa sociedade elegante.

Agenda

A'manhã a nossa sociedade «smart» dará «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse, e á noite, no S. Luiz, ultimo espectaculo de opera de Camara, em festa artistica do celebre baritono Armand Crabbé, no Politeama, quinta recita da notavel companhia da insigne actriz italiana Vera Vergani, e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

TEATRO SÃO LUIZ

—— CONCERTOS BLANCH ——

DOMINGO 9, matinée—5. conc. de assinatura

Orchestra Sinfonica Portugueza

dirigida pelo Kapellmeister Joseph Lassalle director da Orchestra Philarmonica de Munich

Obras de Schubert, Beetoven, Rossini, Flaviano Rodrigues, etc. Bilhetes á venda.

A's Senhoras

apsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis

T. N. de S. Domingos, 9 1.º, ás 15 h. Telef. 5205

TIPOS E PEÇAS DE RECAMBIO

PARA TODAS AS MAQUINAS DE ESCREVER, ETC.

Telefone N. 3158 OLIVER, LIM. R. Prata, 250, 2.º

IMPRESSOES DE MADRID

As mulheres, as novelas e as "calles,,

pelo nosso redactor Artur Portela

A Tomás Borras

Venho encontrar Madrid á chuva e á neve, branca caricia de criança que faz iconografias de beleza, nos predios arremessados á *fourrure* prateada do ceu, torna a mulher picante e viva como uma malagueta; põe pressas febris nos passos, e estoira de luz as montras e os *placards* electricos.

Madrid é uma novela curta, ilustrada bizarramente. São assim as ruas onde por vezes se arranca um velho portal castelhano, o ultimo, talvez, foragido e envergonhado de gigantesca arquitectura *Palacios* que á ilharga faz rodopios de equilibrio modernista; os teatros que guardam a derradeira goyesca dos costumes e expressões de raça; as raparigas que aquecem as esquinas com sorrisos tremulos de desejos, numa ultima verbena de amor.

Meridional desprecavido da ponta ocidental da Extremadura, revezando-se por comboios e gares, vai certo de encontrar, cidade aberta, eternas seguidilhas, cravos ardentes, como bagos de sangue, em mantilhas negras, *trajes de luces*, ceu amarelo, vermelho e ouro, como se a Espanha viva e imortal na sua bandeira a estendesse, ao crepusculo, sobre os cutelos caramelados do Guadarrama, tingindo-a das ultimas luzes do sol poente...

Engana-se!

Madrid não canta, chalra. Põe-se sempre em mangas de camisa para falar. Os acontecimentos do dia que nascem na *Puerta del Sol*, sobem a *Gran Via* e adormecem um tudo nada sob a opalescencia hibernal do *Parque do Oeste*, onde Ochoa desenha triunfais princesas de mãos de neve, desfolhando cravinas de luar e de margaritas — são veios caudalosos que batem em todas as ruas, em pandeiretas de risos, ressaltam em todas as pedras, em castanholas de gargalhadas e, por ultimo, em todas as bôcas, confundindo-se, amalgamando-se, orquestrando-se, subindo numa poeira sonora de palavras que esgravata e sangra continuamente os ouvidos.

Dizia eu: Madrid é uma novela curta; mas uma novela imprevista, com portadas de monumentos do seculo XXV e cafés sevilhanos, ladrilhados como Alhambras do seculo XIV; barracas de fantoches que andaram por Castela-velha e vieram morrer a esta Castela babilonica que perdeu a sensualidade da côr e canta *fandanguillos*, não na *calle*, mas no *Palacio de Hielo*, bebendo Champagne por milhões de garrafas e de pesetas, entre mulheres de heteroclita beleza, que passam com os labios a arder, e orquestras altas de violinos, que desfazem lagrimas e acordam sonhos...

A imagem que eu dei a Madrid, nasceu na rua, como um assobio de garoto, em coração feliz e boca sincera ao dar de cara primeiro, depois deslumbrado, sugestionado, enrodilhado de milheiros de novelas curtas pequeninas, multicores, queimadas de vermelho, com cabeças alucinantes de madonas modernas, cabeleiras á *garçonne*; escorridas de azul nocturno e melodioso como um verso de Ruben Dario, com titulos a retinirem volupia e amor, ou roxas como lanternas suspeitas de rua vesga, entreabrindo almas e corpos nus, todas rugindo instinto, uivando satyriase, esmigalhando a retina em relampagos; *trajes de luces* que sarabandeiam nas esquinas; arco-iris que se estilhaça em chuva de oiro, nas vitrines; flores do pecado das mais letais, que cartazeiam as glorietas, assomam ás portas dos cafés, atapetam as calles, dialogam nas vitrines, andam em todos os dedos, são multidão á roda desta outra multidão que compra o coração, a alma, o corpo, os nervos, a beleza da mulher, por vinte centimos, menos que um sorriso...

Paris tem o *Jazz-band*, Lisboa a politica, Madrid a novela.

E' uma nova epidemia perigosa, perversa, mortal. Ha trinta publicações, pelo menos, o que dá uma soma averiguada de três por dia. A novela creou uma mentalidade nova que representa a involução da etica espanhola. Contaminou as gentes, abriu-lhes paraisos de opio de tão lancinante e dolorosa emoção que quando se emerge á superficie da vida ha cansaços e desfalecimentos; criou o *Palacio de Hielo*, o jogo, a mulher do dia e não a mulher eterna; fez analises ao sentimento que só dão escorias e metanas; artificializou o coração; diminuiu a hora em segundo, e este em instante; ha doenças doiradas que têm o palôr das perolas; e, sobretudo, desarticulou em vertigens, em espasmos, em loucuras de velocidade, em chicotadas de histeria, os nervos e a sensibilidade de electrodo da pobre alma humana cansada de a vibrarem, de a torturarem, de a queimarem assim...

Esta literatura barata de novela, que tem o sabor acre, amargo e pessimista do terrivel café madrileño, entregou a cidade aos modernistas. *Caballero Audaz* tem uma fortuna; Blasco Ibanez, castelos; um vago e humilde engraxador do Ateneu, acaba de editar a sua primeira novela, retratando-se na primeira pagina, junto da caixa do oficio, literalisando sapatos de verniz...

Os mestres, Azorin, Ramon Perez d'Ayala, Valle-Inclan, Ricardo Leon, inclinados sobre o passado, em montanhas ermas de discipulos e de admirações, silenciosos, grandes e isolados, como guardarrama revivem as brazas da velha alma castelhana, ceus de Granada, corações em flor, alma nos labios, beijos de oiro que caiem como rosas de desfalecidas mãos...

E Jacinto Benavente, no teatro *Lára*, tratando das figuras de Schakspeare, cabeleira nevada, sorriso crucificado de saudade, coração despido ao frio das lagrimas e á neve dos amores que debandaram como azas de golondrina têm ainda um ultimo galanteio, desfolhando a grinalda de Ofelia em beijos de petalas, sobre o *never more* da mulher espanhola.

Artur Portela

Opera de camara

Angeles Ottein

que hoje realiza a sua festa artistica no teatro S. Luiz (na opera «Fantochines» de Tomás Borras)

AMANHÃ:

Noite de Madrid

S. CARLOS Telef. C. 5063

HOJE E AMANHA

DUAS UNICAS REPRESENTAÇÕES

A RAJADA

Magistral creação de LUCILIA SIMÕES

«Roberto Chacer,v»: ERICO BRAGA

DOMINGO: — Unica representação da ZÁZÁ

APOLO Tel. N. 4129

TODAS AS NOITES

VIDA AIRADA

Fados á guitarra por LINA DEMOEL

Rir ás gargalhadas com Otelo de Carvalho e Artur Rodrigues no quadro «XÁ-LÁ-BAE...»

=POLITEAMA=

Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.

HOJE, ás 21,15 4.ª recita de assinatura da COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

A peça em 3 actos, de Santiago Rusiñol

I DOTTI DI VILATRISTE

(Os sabios de Vilatriste)

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

AMANHÃ, SABADO: Primeira representação (2.ª recita de assinatura) com a peça em 4 actos, orig. de Charles Merée trad. Avelino d'Almeida

A VERTIGEM

Nos principais papeis Ilda Stichini, Rafael Marques, Clemente Pinto, Ribeiro Lopes.

Ensecn. do act.r José Ricardo, scen. novas de Mergulhão e Campos & Oliveira. Bilhetes á venda

TEATRO SAO LUIZ

DOMINGO, 9

Reaparição da companhia Armando Vasconcelos

A celebre opereta de FRANZ LEHAR

"Frasquita"

Protag. AUZENDA DE OLIVEIRA

Bilhetes á venda

Eden-TEATRO

HOJE — A's 20,30 e 22,30 — A PEDIDO GERAL — 2 irrevogaveis representações da revista

FADO CORRIDO

—=— A'manhã —=—

BRASILEIRO PANCRACIO

4 UNICAS RECITAS, 4

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O luto francês

Vão desaparecendo os altos valores da França. Ainda ha poucos anos, Hervieu, o arido mas penetrante analista de La Cause du Flambeau; *mais recentemente Bataille — o subtil poeta dramatico das amarguras do coração e do instinto; agora Maurice Barrés, o principe do nacionalismo francês — pela inteligencia, pela figura, pela sensibilidade.*

Interessante, como exemplo de quanto pode a vontade, recordar a trajectoria invulgar do espirito de Maurice Barrés, recordando, voluptuosamente, as paginas deliciosas dos seus livros.

Vêmo-lo, egoistamente, num culto exagerado pelo seu moi, *passear por Espanha, a Espanha doida e taful das castanholas e dos cravos, nada vendo, nada sentindo, nada estimando, fóra do ambito pagão das suas sensações...* Du sang, de la volupté et de la mort *é a sua confissão de artista, enclausurado em si proprio, dada num estilo nervoso, um estilo complicado, onde a ironia, por vezes, saltava, e onde não era dificil descobrir, na sinceridade dum periodo mais fluente, o timbre adôce e embalador duma saudade — a sua saudade lorêna — que não era mais do que a base sentimental do seu raciocinado nacionalismo. E heis os* Bastions de l'Est *— uma trilogia que é um* plaidoyer *veemente contra a cultura germanica, a favor da latinidade.*

Fixemos este nome, todos nós, os que viemos ao mundo com a sina de empunhar uma caneta — e tomêmo-lo, tanto quanto possivel, como exemplo.

Hoje, mais do nunca, é obrigação nossa, encher as nossas paginas dum vago anseio de simpatia humana.

Fugir de nós para a vida — alargando-a descobrindo a dignificando-a. Nunca a arte pela arte teve, como hoje, a sua mais inutil justificação.

Reparem nisto vocês, rapazes do meu tempo, e confessem a vossa culpa, recordando o morto ilustre que soube depois de ter pecado, glorificar a grande piedade das igrejas de França.

Alves Martins

O caso do Banco Auxiliar do Comercio

Parece estar esclarecido o caso das 100 acções do Banco Auxiliar do Comercio.

O caso resume-se no seguinte: Ha tempos um credor daquela casa bancaria, precisando do dinheiro de que o Banco lhe era devedor, dirigiu-se ali a exigir o pagamento da divida.

Um dos directores, para evitar questão, resolveu pagar-lhe em acções e que o credor aceitou, negociando-as na Bolsa, motivo porque o sr. Portugal da Silveira ali as comprou.

Acontece, porém, que a actual direcção do Banco não quere dar por boa a transacção, o que fez com que a policia tomasse conta do caso.

CAMBIOS

Dia 7

	Comprador	Vendedor
½ Londres, cheque	2 1|64	2 1 128
» 90 dias	=	=
½ Paris	1$460	1$475
½ Berlim	=	=
½ Holanda	10$350	10$400
½ Madrid	3$540	3$575
½ Bruxelas	1$250	1$270
½ Roma	1$175	1$190
½ Suiça	4$740	4$768
½ Suecia	=	=
½ Noruega	=	=
½ Dinamarca	=	=
½ Nova-York	27$000	27$250
½ Brasil	2$570	2$580
Rio ½ Londres	5 3/16	=
Libra esterlina	132$000	137$000
Agio do ouro	2$700	2$800

AS ESQUERDAS

O 5 de outubro

não foi

uma revolução...

...foi apenas a chamada ao poder dum novo ministerio

Assunto palpitante: a «frente unica» do proletariado portugues. O «Diario de Lisboa», já ouviu o partido comunista e já ouviu a C. G. T. Hoje foi escutar o ilustre advogado socialista sr. dr. Amancio de Alpoim:

—O que pensa sobre a frente unica?

—A frente unica do proletariado já existiu em Portugal.

—Quando?

—No velho tempo da propaganda semi-romantica, em torno de homens que se chamavam Gneco, Fontana e Antero do Quental, e até mesmo Oliveira Martins.

—Nesse periodo chegaram á conclusão de que...

—O verdadeiro problema portugues era um problema de classes. A nação, educada na gloriosa rapina do mouro, do judeu, do brasileiro e das Bolsas europeias, compreendeu nesse tempo que só podia resgatar-se, transformar-se, pelo estudo e pelo trabalho, porque não tinha razão de ser dentro do mundo moderno.

—Os quadros sociais...

—Estavam fóra dos seus logares. A aristocracia transformara-se numa plutocracia burgueza, parasitaria do Estado, parasitaria da propria nação, no monopolio, na concessão, no negocio, na administração. Em suma: em todas as formas de actividade nefasta.

—Não se podia transformar por um partido novo a organisação antiga?

—E' claro. O trabalho, a pequena economia, o pequeno comercio, o pequeno proprietario, o funcionario publico, como todas as classes sociais, aspiravam a realisar para si proprias a obra de transformação, em conjunto, e por tanto, faziam a «frente unica».

—De forma que...

—A indole do nosso povo, educado na destruição e na conquista, aceitou com mais carinho a parte negativa do programa: «Destruir o existente».

—A propaganda republicana...

—Ofereceu ao povo a formula concreta dessa destruição, pelo derrubamento da monarquia, com as suas bases aristocratica e teocratica. Tanto bastou para que se lançassem essas classes nos braços da propaganda da Republica. «Homens de bota abaixo», esses propagandistas ofereciam como programa a simples demolição do passado.

—Porquê?

—Porque nunca mais se estudou, nem organisou, nada mais se fazendo que a simples mudança de regimen. O 5 de Outubro não foi uma revolução. Foi a chamada ao poder dum ministerio novo que sucedeu ao ministro Teixeira de Sousa.

Uma pausa:

—Deu-se muita pancada no padre e ainda mais pancada no fidalgo. E como necessaria consequencia desta destruição que não tem uma formula nova de organisação solidarista, ás chamadas forças vivas apropriaram-se da Republica.

—Resultado?

—Foi criar-se uma plutocracia mais despotica e nefasta do que a existente até 5 de Outubro, que havia causado a ruina do trono.

—Por outro lado as classes proletarias...

—E a pequena economia, desmoralisada pelo descalabro do seu sonho e libertas de todo e qualquer travão espiritual, porque se lhe não deram novas bases de moral social, lançaram-se no caminho da indisciplina e a desordem, divertindo-se da Republica.

—Como?

—Recusando-lhe o seu voto e colaborando com as forças vivas na obra de destruição que já não é do regimen mas da propria nacionalidade.

—?

—A cada pouca vergonha que projectam e realisam nos antros luxuosos em que reunem, os plutocratas, o proletariado corresponde com uma bomba fabricada nas cavernas em que desesperados e desorientados se reunem os seus elementos mais activos.

—Ha quem compreenda este estado de coisas...

—Sim. Ha homens que compreendem a miseria deste estado de coisas. Lembram-se da frase consagrada de João Chagas: «A Republica Portuguesa será socialista ou não será coisa alguma». E' necessario ligar essa multidão de desorientados para com eles edificar a Republica do seu sonho.

—Como?

—Fazendo compreender que é indispensavel resolver a segunda parte do problema portuguès pelo estudo, pelo trabalho, pela ordem, pela realisação da justiça social.

—Mas isso só se consegue com a ligação dos partidos?

—A frente unica não terá que ser e não será uma ligação de partidos. Mas ha de ser necessariamente uma ligação de ideias, aspirações e acções. Por isso, não se farão conchavos partidarios.

—Bastará...

—A propaganda que ha de pôr todos de acordo no campo do combate social, e todos juntos nos levará á urna para o combate no sentido verdadeiramente politico, sem violencias pessoais que nada resolvem.

—Quando esperam governar?

—Não temos ilusões de conquista imediata do poder. Isso apenas nos lançaria em maior miseria, perturbação e desanimo.

—A «frente unica» será...

—Uma liga de classes que pretendam construir, e nunca uma liga de partidos que pretendam governar. Uma obra destas não se faz por combinação de homens. Só é possivel, quando se conseguir o acordo das multidões

TEATRO S. CARLOS

"A Castelã,,

PEÇA

do antigo reportorio

de Lucilia Simões

vai á scena terça-feira

Com a representação da «Magda» de Sudermann, «A Rajada» de Bernstein, «A Casa de Boneca» de Ibsen, «Casa em ordem» de Pinero propôz a nossa grande Lucilia fazer ressurgir o belo repertorio do velho D. Amelia e as noites inolvidaveis de pura Arte onde já fulgia o seu extraordinario talento como estrela de primeira grandeza.

Lucilia dando-nos o Teatro de então, evoca o gosto «rafiné» da plateia daquela época e presta um alto beneficio á gera-

LUCILIA SIMÕES

ção moderna que não conhece ainda algumas das melhores obras do teatro francês, creadas pela grande comediante.

Anuncia-se para terça feira proxima «A Castelã» de Capus, o «chef d'oewvre» do consagrado autor de «La Veins», o admiravel inspirador *des* «Deux Ecoles»! «A Castelã», é uma peça adoravel, cheia de suavidade e encanto onde a par de uma tecnica admiravel se admira uma rara concepção de Beleza.

Alfred Capus representa dentro do teatro francês, o teatro em prosa, o triunfo do optimismo em reacção contra o teatro vulgarisado pela literatura naturalista. Sentindo-se o teatro-livre através as personagens apantroficas, obscuras, Capus faz-nos vibrar num contraste flagrante de verdade com as suas personagens alegres, satisfeitas, cheias de uma bonhomia feitas á imagem do autor. Jules Huret, dizia que Alfded Capus era um «charmeur». E' deste «charme» que vive «A Castelã».

Lucilia rvivendo esta peça revive uma das melhores interpretações da sua brilhantissima carreira. Quem estas linhas escreve, sente uma suavissima saudade por aquela noite de primeira representação em que o pano caiu no 2.º acto, numa ovação estrondosa de palmas e bravos, a seguir a uma scena tranquila como a superficie de um lago.

Lucilia foi grande nessa scena, tão grande como nas belas tradas da «Magda», da «Rajada», da «Casa em Ordem» e da «Casa de Boneca». O seu temperamento notabilissimo de artista creadora, que se adapta a todos os papeis, por mais dificeis e complicados, tem na «Castelã», a deliciossima obra prima de Capus, mais uma vez ocasião de revelar quanto póde e quanto vale.

Peça que todos os grandes comediantes incluem no seu reportorio; «A Castelã» marcou uma data celebre no teatro francês contemporaneo. A verve fina de Capus, abraçada a uma ternura humana admiravel — conseguiu desses quatro actos uma maravilha de emoção, de tecnica, de colorido. O desempenho que a companhia Lucilia Simões-Erico Braga lhe vai dar será, antecipadamente o podemos dizer, notabilissimo. Lucilia, a grande Lucilia vai mais uma vez deslumbrar-nos, todo o seu genio de artista dramatica de primeiro plano em qualquer parte do mundo.

Faculdade de Letras

Como nos anos anteriores, a Associação da Faculdade de Letras promove no proximo sabado, dia 8, um grande sarau, seguido dum baile dedicado aos alunos novos.

O sarau é precedido duma alocução do eminente professor da mesma Faculdade, dr. Faria de Vasconcelos, sendo a parte musical dirigida pelo distinto maestro Herminio do Nascimento.

Os bilhetes pódem ser obtidos na séde da Associação da mesma Faculdade.

Jantar de homenagem

Decorreu muito animado o jantar que ontem a empreza A. Ramos, Limitada, ofereceu no «restaurant» Tavares, aos notaveis artistas Angeles Ottein, Armand Crabbé e Carlos Del Pazo, á qual assistiram alguns criticos e jornalistas, tendo ao «champagne» usado da palavra em primeiro logar o sr. dr. Ricardo Jorge (filho) em nome da empreza, seguindo depois varios dos convivas, aos quais agradeceu o ilustre artista Armand Crabbé.

Solar da Alegria

O Solar da Alegria reabre brevemente, com novas instalações e nova gerencia.

Este magnifico *restaurant*, que está explendidamente situado na Praça da Alegria, estará aberto toda a noite.

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Roubo numa serralharia

Foram presos Zacarias de Almeida, rua da Manutenção, e Antonio Francisco Alves, vila Flamiano, 3, acusados de terem furtado varios objectos no valor de 2.000 escudos, numa serralharia onde trabalhavam.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

TEATRO ITALIANO

A ultima PEÇA de Dario Niccodemi

"La casa secreta,,

e a sua interpretação

A ultima peça de Dario Niccodemi não vale em conjunto para mim, esse adoravel idilio que ante-ontem subiu no Politeama, o *Refugio* ou os *Tubarões*. Talvez a rapidez com que a peça foi escrita e erguida, não tivesse deixado a Niccodemi—dramaturgo e escritor de teatro—a exacta visão auto critica, da realisação scenica do drama, cujo motivo é duma teatralidade e duma belesa literaria indiscutivel. O segundo acto que excede em muito os outros dois, é um acto de brilhante tecnica, de dialogo tecido com relevo, de recorte impressivo dos personagens e do ambiente. de seguros efeitos scenicos—como o do espelho que é uma excelente *trouvaille*. O primeiro e terceiro actos—este mais do que aquele—lucrariam em ser mais condensados, não só para com mais intensidade vibrar a nota dramatica,—a scena final do 3.º—como para fazer avultar mais o pitoresco e a nota da humanidade de certas situações. Quer a scena da abertura—a «biscata» entre o avô e o velho criado—duma tão expressiva observação, e tão sugestiva de naturalidade, quer a scena do final do primeiro acto entre o velho, Ana e Claudio, diluem o que, por vezes ha de dispersivo no desenrolar da acção. Ha, porêm, um tipo, duma flagrante originalidade e dum soberbo recorte, que é uma admiravel nota de humorismo—*Montalte*, o marido minotaurizado. E' um personagem sintese perfeito, duma hilariante e amarga filosofia.

* * *

Vera Vergani metamorfoseou-se uma vez mais. E' uma dolorosa e grande figura de tragedia—figura ideal de Madona, sofredora, resignada, dum tão irradiante poder emotivo, e duma tão comunicativa e tão sugestiva bondade e singelesa que, ontem como sempre, nos deu uma extraordinaria impressão de verdade. Vive, não representa; a sua interpretação não tem uma *ficele*—é a dôr, ou a alegria que vibram ou cantam em admiraveis rajadas de humanidade.

Lupi no *Rogerio Sommi* é o mesmo grande artista do primeiro dia. Não há um detalhe, um pormenor, por insignificante, que despreze. Admiravel nas grandes scenas, e nos mais infimos episodios. Duma nobre sinceridade—a primeira grande qualidade dum grande actor—Lupi vive o personagem com uma explendida naturalidade. Todo o segundo acto, como a scena com o medico no terceiro, documentam exuberantemente o seu soberbo processo scenico.

Donadoni e G. Rissone, muito bem nos sens *emplois*, como Almirante, um avô cheio de bondade e de bonhomia. Marini é um excelente caracteristico, que no *Montalte* desenhou um magnifico tipo. Registe-se ainda a correcção de Brizzalari, e dos restantes interpretes no mesmo excelente tom de harmonia das recitas anteriores.

O *Claudio Varechi* de Cimara é o menos feliz dos seus tipos. Se teve scenas feitas com virtuosidade, como a sua entrada no segundo acto, ao tatear o telefone, na generalidade o seu tipo, por vezes duma beleza tragica, d'annunziana, apagou-se, diluiu-se na representação.

O publico não tem a impressão clara de quando se cerram para a luz os olhos do artista, quando, ao que parece, a rubrica da peça marca que Claudio no terceiro acto esteja completamente cego, cegueira que vem progredindo intensamente desde o começo do segundo acto. Apesar de viver no silencio da casa secreta, num ambiente de treva, apurando-se-lhe assim os outros sentidos, não se compreende que, sem uma preparação previa que deve de fazer-se no espirito do espectador, Cimara nos não dê a noção exacta da cegueira quando, ouvindo a voz de Ana, se precipita na direcção da porta e cai nos braços de Ana?

Além disso, Cimara evitou—parece que calculadamente—dar-nos na mascara a ex-

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

MOÇAMBIQUE

As negociações feitas para o emprestimo marcham duma maneira satisfatoria diz o Alto Comissario

Ministerio das Colonias. Gabinete do Alto Comissario em Moçambique sr. Victor Hugo de Azevedo Coutinho:

—Em que estado se encontra a questão luso-transvaaliana? Os jornaes dizem que v. ex.ª conferenciou com o sr. dr. Augusto Soares, chegado de Londres. Deve haver novidades frescas...

—Conferenciámos hoje, eu o sr. dr. Augusto Soares, com o sr. ministro das Colonias sobre o assunto.

O sr. Azevedo Coutinho, tem sobre a secretaria um recorte do *The Times*, chegado hoje. Nesse artigo trata-se exactamente da questão de Moçambique.

O jornalista pede venia para o ler. Diz assim:

«E' de esperar, todavia, que, quando o sr. Coutinho, o novo Alto Comissario de Moçambique, chegue a Cap Town, na sua viagem para Lourenço Marques, as negociações, agora interrompidas, conduzam a um entendimento entre a União e a Colonia Portuguesa.

VICTOR HUGO DE AZEVEDO COUTINHO

Entretanto, requere-se que a atitude de Portugal seja plenamente compreendida e apreciada nesta região. Desde que o comercio com o Transwaal se tornou um factor importante, no trafico de Lourenço Marques, tem andado junto o problema do *contrôle*.

Enquanto os portugueses admitem que o sistema não tem funcionado bem, dizem tambem que era necessario dar-lhe outra forma, isto é, passando a ser exercido unicamente pelo país ao qual o porto pertence, sendo talvez por não se ter feito a necessaria experiencia do *contrôle* assim estabelecido que ainda não deu resultados aproveitaveis.»

—O que nesse artigo se diz corresponde á verdade? Não ha cousa alguma a rectificar?

—Não. Está certo.

—A marcha das negociações...

—Quanto ao convenio, sabe que estão suspensas. O governo julgará da oportunidade de as reatar.

—Quanto ao emprestimo...

—E' absolutamente satisfatoria.

Um incendio na rua do Prior

Pelas 4 e meia da manhã, rebentou, com grande violencia, um incendio no palacete n.º 18 da rua do Prior (á Lapa), propriedade do sr. D. Luiz de Castro, conde de Nova Gôa.

O palacete que estava arrendado ao sr. Frederico Sellers, um dos directores da Vacuum Oil C.º, encontrava-se vazio, por aquele senhor pensar em fazer obras.

Ao alarme dado pelo policia de serviço, compareceram os bombeiros municipais e voluntarios que extinguiram o fogo, com duas agulhetas, sob a direcção do chefe da 4.ª Divisão com a assistencia do 2.º comandante e do ajudante.

A origem do fogo atribui-se ao contacto de fios electricos.

Os prejuizos que são muito importantes estão cobertos por varias companhias de Seguros.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

A maquina apreendida no Cacem

Foi hoje posto em liberdade Carlos Bacelar que ha dias se encontrava preso nos calabouços do Governo Civil, em consequencia de lhe ter sido apreendida em sua casa no Cacem, uma «minerva», que a policia suspeitou ter servido para a falsificação dos bilhetes de Tesouro.

Das investigações a que o agente Gonçalves procedeu, concluiu que a «Minerva» estava em poder do Bacelar para ser vendida ao farmaceutico Macedo, um dos implicados na falsificação dos bilhetes de Tesouro. Segundo parece, destinava-se á impressão de cedulas falsas e de rotulos farmaceuticos, o que o Bacelar ignorava.

Tambem se apurou que o Bacelar, ha muitos anos que se acha reformado, vivendo na maior miseria na companhia de sua mulher e de 9 filhos menores.

Os "vitrinarios,,

O sr. Luiz Soares queixou-se á policia de que os gatunos partiram um vidro da montra da sua tabacaria na Praça dos Restauradores, furtando-lhe tabaco e jogo para a loteria do Natal, no valor de 4.000 escudos

Pelos teatros

«Aquele olhar...»

Efectuou-se no Sá da Bandeira do Porto, em festa artistica de Aura Abranches, a primeira representação da segunda peça desta ilustre actriz, a gloriosa cutora da comedia «Madalena Arrependida», que iográra um grande exito recentemente. O novo trabalho litterario de Aura, escrito propositadamente para que sua mãe o pudesse incluir no seu primoroso repertorio de grande actriz, intitula-se «Aquele olhar...» O nosso colega «O Comercio do Porto», depois de algumas palavras ácêrca da festejada, diz o seguinte sôbre a peça:

«Aquele olhar..»» é realmente uma peça bem trabalhada. O seu entrecho prende a atenção, apresentando um desenlace, embora tragico, talvez, mas inesperado e muito teatral. O dialogo, muito animado e muito correcto, foi tratado com mimo e meticulosidade, sempre em harmonia com a ilustração das personagens que apresentou; ora alegre, vivo e até ironico, por vezes, a contrastar com as scenas de intensidade dramatica. Felicitamos a sua autora que mostra possuir qualidades essenciais para vencer na dificil tarefa que, com tanto exito, encetou.

A seguir, o mesmo jornal aprecia deste modo o desempenho da peça:

O desempenho foi primoroso. Adelina Abranches foi surpreendente de verdade, no seu papel de «Emilia», a mãe amargurada por mil torturas morais, até que a loucura a vem empolgar. Adelina deu á personagem toda a sua grande alma de artista, apresentando-nos um trabalho que nos perturba e assombra o espirito. Endereçamos um bravo á genial artista. Aura Abranches confirmou mais uma vez os seus formidaveis meritos de actriz conscienciosa, dando á sua «Maria do Ceu» toda a vida e toda a verdade que decerto sonhára ao idealisá-la. Alexandre de Azevedo, Sacramento e Alves da Silva, os principais interpretes masculinos da peça, deram superior interpretação aos seus papeis, com os processos sobrios que põem sempre nos seus trabalhos.

"A Frasquita,,

Sobre a nova partitura de Franz Lehar, da opereta «Frasquita», que depois de ámanhã sobe á scena no S. Luiz, pela companhia Armando Vasconcelos, diz o jornal alemão «Deutsches Vo ksblat» o seguinte:

«Lehar voltou de novo a ocupar o primeiro logar entre os compositores modernos, não só pelas qualidades dramaticas e pouco vulgares da sua nova composição, como pelo sentimento e lirismo que soube imprimir a todos os seus numeros, sobre tudo o final do segundo acto que se pode considerar uma obra de mestre. Como numeros populares tem a opereta «Frasquita» entre outros a canção de amor de Armando «Meu tesouro, peço-te que venhas esta nóite» e a canção de «Frasquita» «Perguntas-me que é o amar», os quaes são tratados por Lehar com verdadeiro carinho.

A opereta obteve em todos os teatros alemães e austriacos onde foi representada com exito grandioso o que decerto se repetirá entre nós.

"A Vertigem,,

No Nacional, a nova peça «A Vertigem» terá a sua «première» ámanhã, em 2.ª recita de assinatura. O belo original de Charles Merée, que é um dos grandiosos exitos parisienses, apresenta-se com tradução de Avelino d'Almeida, tendo sido confiado ao actor José Ricardo a sua encenação. Entre os interpretes da peça figurem nos papeis de maior destaque Ilda Stichini, Rafael Marques, Clemente Pinto e Ribeiro Lopes.

Atrás do reposteiro

Os espectaculos que se realizaram no Avenida com a opereta «A Perola Negra» permitiram que fosse possivel remontarem-se as peças «O João Ratão», actualmente em scena com enorme exito, e «Miss Diabo», estando já muito adeantados os ensaios da primeira peça nova «O Poço do Bispo», original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

—Consta que brevemente virá fazer uma temporada no Eden-Teatro uma companhia de zarzuela, vinda de Vigo, onde esteve trabalhando algum tempo. Entretanto, a companhia Antonio de Macedo irá á provincia cumprir alguns contractos.

—Sabemos que o empresario José Loureiro acaba de contractar para uma das suas companhias um artista categorisado e de grandes simpatias no publico.

—Está em Lisboa o «costumier» Jaime Valverde que veiu combinar com Eduardo Schvalbach a confecção do guarda-roupa para a sua peça «Fogo Sagrado», com que o Trindade será inaugurado, interpretando-a a companhia Aura Abranches. A acção da peça, que terá uma montagem riquissima, decorre em 1850.

—Além da peça «A Castelã», a companhia Lucilia Simões tem já ensaiada «As Fogueiras de S. João», tambem do repertorio daquela actriz.

—Os celebres «clowns» que fazem parte da grande companhia de circo que está trabalhando no Coliseu dos Recreios executam hoje novos intermedios comicos.

—Partiu hoje para o Porto, afim de tratar nessa cidade das cinco recitas que ahi vai dar no teatro de São João, a «tournée» Ottein-Crabbé que ámanhã se despede do publico de Lisboa, o sr. Luis Cardoso, secretario da empresa do São Luiz.

—Partiu ontem para o Porto, o sr. Antonio de Macedo e Brito, secretario do sr. Lino Ferreira, administrador do Teatro Nacional Almeida Garret.

POLITEAMA HOJE
COMPANHIA ITALIANA
I dotti di Vilatriste

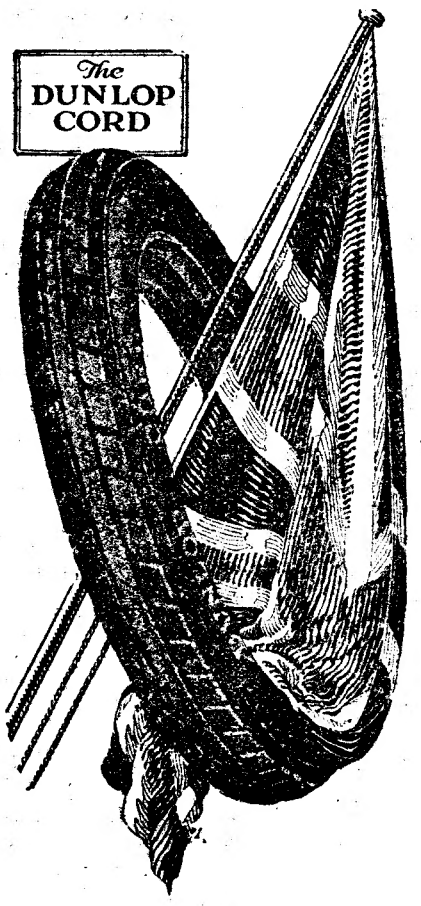
Sapataria CONTENTE, L.DA

Calçados finos
SEMPRE PELOS MELHORES MODELOS E FORMAS
Preços especiais de fins do ano
RUA DO CARMO, 74

«ORIGINAL ODHNER»

TELEF. N. 4190 — A MELHOR CALCULADORA DO MUNDO
R. DO AMPARO, 66

DUNLOP



DUNLOP

SANTOS CATITA, LIMITADA

OURIVESARIA E JOALHERIA

Rua de Santo Antão, 44 e Rua da Boa Vista, 22

Grande sortido em joias de fino gosto. Objectos de ouro e prata para brindes. Relogios em ouro prata e aço para homem e senhora. Compram por alto preço ouro, prata, platina, joias e dentaduras velhas.

«Underwood Portatil»

Minimo de peso
Maximo de serviço

A maquina de escrever portatil mais leve, mais resistente e perfeita

Indispensavel em viagem e em casa

AGENTES:

THE MODERN OFFICE, LIMITED

107, RUA DO ALECRIM, 109

LISBOA **Telef. C. 3066**

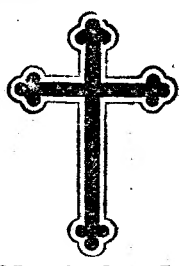
PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS

LISBOA
RUA DO OURO, 18, 24

PORTO
PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros



Maria Clotilde de Sousa Cordeiro

FALECEU

Joaquim de Sousa Cordeiro, Manuel de Sousa Cordeiro, Irene de Sousa Loureiro e filha, José Joaquim de Sousa, Jaime Julio de Sousa, Maria Rosa de Sousa e filhos, Antonio Francisco Loureiro Junior, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de familia, amigas, e de suas relações o fallecimento da sua muito querida e inolvidavel mãe, irmã, cunhada e tia, Maria Clotilde de Sousa Cordeiro, cujo funeral se realiza, ámanhã, 8, pelas 11 horas da manhã, da Capela do Rego para o Cemiterio Ocidental.

LAMPADA ELECTRICA
VISSEAUX-CERES
A MELHOR

Companhia de Comercio de Creação de Ovos e Fructas

REVOGAÇAO DE MANDATO

Para os devidos efeitos se faz publico que em Assembleia Geral de ontem da Companhia de Comercio de Creação de Ovos e Fructas, foi por unanimidade deliberada a revogação de mandato, ao director da mesma Companhia, sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida.

Lisboa, 6 de Dezembro de 1923.

A DIRECÇÃO

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

SÓ NA

TINTURARIA BRASILEIRA

Rua do Olival, 284, E., Rua Torre da Polvora, á Pampulha, que se entrega um fato velho e recebe-se um fato novo, lavado e concertado ou virado, pronto para vestir, dos dois sexos.

Tinge-se em todas as côres.—Limpa-se a sêco em seis horas.

unicos agentes para Portugal
"ELETRIGIA"
SANTA JUSTA, 87

Madeira e Açôres

O vapor

SAO VICENTE

Sairá a 9 de Dezembro

Para:

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz e Praia), S. Jorge (Calheta e Velas), Pico (Caes e Lagens), Faial, Flôres (Santa Cruz e Lagens) e Corvo.

Recebendo carga e passageiros.

O vapor está atracado ao caes de Alcantara (Messageries Maritimes). Começou a receber carga geral desde terça-feira, 4 do corrente.

Trata Bernardino Martins Ruas

Rua da Prata, 234—Tel. N. 4448

AVISO:—Roga-se aos srs. carregadores mandarem tirar as ordens de embarque, a fim de terem a praça garantida.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DA INGLATERRA

AS ELEIÇOES deram uma victoria aos candidatos conservadores

LONDRES, 7

As eleições gerais inglesas que ontem se realisaram colocaram em luta 1:397 candidatos, dos quais 502 conservadores, 448 liberais, 430 trabalhistas e 17 de outros partidos, para 567 logares, dos quais 263 são disputados por 3 concorrentes.

Cincoenta logares foram ganhos sem oposição, sendo 35 conservadores, 11 liberais, 3 trabalhistas e 8 independentes.

Os resultados até agora conhecidos dão como eleitos 108 conservadores, 62 liberais, 79 trabalhistas e 8 independentes.

O sr. Montagne Berlow foi derrotado em Salford; Arthur Hendenson, trabalhista, em Newcastle, e Winston Churchill, em Leicester.

Lady Astor venceu em Plymouth, Asquith em Paisley, Batterses, liberal, bateu o comunista Parses em Hoghin. Em Manchester, os conservadores obtiveram seis vitorias, os liberais cinco e os trabalhistas apenas uma.—(L.)

Em Manchester
ganharam os candidatos liberais

MANCHESTER, 7

Os primeiros resultados conhecidos mostram que os liberais ganharam derrotando os candidatos conservadores por este circulo.

Os trabalhistas derrotam os conservadores em Wakefield. Os conservadores perderam tambem os circulos de Blackley e Arthington. Sir Nontague Barlow ministro do trabalho foi derrotado pelo candidato trabalhista.(R.)

Churchill
foi derrotado por um trabalhista

LONDRES, 7

A' uma da madrugada estão eleitos 68 conservadores, 41 liberais, 42 trabalhistas, 2 independentes e 1 nacionalista. Os ganhos dos conservadores são de 2, dos liberais 16 e dos trabalhistas 5. As perdas dos conservadores continuam. O ministro do Ar foi reeleito; um trabalhista derrotou o sr. Winston Churchill. Ainda não está eleito nenhuma mulher, muitas delas foram batidas.—(H.)

Um "leader"
que foi tambem derrotado...

LONDRES, 7

A' 1/4 estão eleitos 91 conservadores, 52 liberais, 55 trabalhistas, 3 independentes e 1 nacionalista. Os ganhos dos conservadores são de 2, os dos liberais 29 e os dos trabalhistas 14. Lady Astor, conservador e o sr. Thomas, «leader» trabalhista, foram reeleitos. Henderson, «leader» trabalhista, foi derrotado por um liberal.—(H.)

Sociedade de Agricultura Colonial
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Por ordem do Presidente da Mesa da Assembleia Geral desta Sociedade e a pedido da Direcção e do Conselho Fiscal, é convocada a mesma Assembleia a reunir em sessão extraordinaria, na sua séde, rua dos Douradores, n.º 20, 1.º andar, no dia 22 de dezembro corrente, pelas 14 horas para tomar conhecimento de uma proposta da direcção e deliberar sobre ela nos termos designados no art.º 11.º dos Estatutos.

Os depositos de ações para representação nesta reunião deverão ser feitos até ao dia 12 do corrente nos termos do § 1.º do art.º 32.º dos mesmos estatutos.

Lisboa, 7 de dezembro de 1223.

O secretario

Manuel Francisco Marques

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A AUSTRIA
estava á beira do abismo
quando o estadista Seipel
a fez ressurgir

O ilustre publicista sr. Armando Luiz Rodrigues, que se tem afirmado nos ultimos tempos como uma autentica competencia em assuntos de economia nacional, acaba de editar dois interessantes estudos — «O Ressurgimento Financeiro da Austria» e «A Situação Economica e Financeira do Japão» — que merecem ser lidos e meditados. Do primeiro deles transcrevemos a seguir algumas passagens que dão a fotografia nitida do que era a situação austriaça quando o notavel chanceler Seipel iniciou a sua grandiosa obra de ressurgimento patrio.

* * *

«E' digno da maior meditação, a metamorfose porque a Austria tem passado nos ultimos doze meses.

Ha um ano, por varias vezes manifestou a imprensa europeia o seu modo de ver ácerca daquele lindo Paiz, anunciando que *estava á beira do abismo*, do que nos foi dado manifestar o desacordo em varios artigos que então escrevemos.

No que respeita a cambio e á desvalorisação da sua moeda, pelo menos neste campo, o desastre apresentava-se sob um aspecto desagradabilissimo. O valor da corôa austriaca, que era, ao par, $22,5, se não fôra tambem a desvalorisação do escudo, aproximar-se-ia do valor zéro. Em fins de Julho do ano passado, a corôa austriaca chegou a valer, em Genéve, sómente 0,00013 do franco suiço; pois em Agosto valia sómente 0,0007.

O total das notas do Banco da Austria em circulação, era, em 31 de Julho de 1922, de 786 milhares de corôas; em 31 de Agosto, atingia 1353 milhares, e quasi ultrapassava 4 milhares, em 31 de Dezembro do mesmo ano. Os adeantamentos ao Estado, sob a forma de desconto de Bilhetes da Caixa do Estado, eram, em 31 de Julho de 1922, de 555 milhares e em 31 de Agosto, de 686 milhares

Não havia orçamento, e os projectos deste, apresentados pelo Governo, encontravam-se a todos os momentos sujeitos a rectificações, porisso que os algarismos não correspondendo ao valor então atribuido á corôa, não póde haver previsão possivel para um orçamento, quando uma moeda perde constantemente o seu valor, como, aliás, acontece com a nossa propria moeda.

Apresentava-se, pois, a situação financeira, sob um aspecto inquietante. A alta dos preços acelerava-se, passando mesmo, para determinados artigos indispensaveis ao consumo, a preços superiores aos do estrangeiro. Passava, principalmente o aumento dos recursos monetarios, porque em um determinado ponto, a alta dos preços foi motivada pela inflacção prevista, passando além da auctorisada.

De facto, para muitos austriacos, o ano findo foi um ano não só de crise, como até de fome.

* * *

Foi então que na Austria assumiu as redeas dos negocios do Estado, um Governo energico em todo o sentido da palavra. Mgr. Seipel, — o ilustre chanceler, — iniciava as suas viagens em fins do outono, aos paizes vizinhos, e imediatamente se sentiram os efeitos praticos destas *interviews* com os varios governos e a Sociedade das Nações.

Para bem se apreciar dos resultados praticos colhidos, basta dizer-se, que os tratados principais de reforma financeira tentada na Austria, sob a base dos acordos internacionais concluidos em principios de Outubro, trouxeram uma tal melhoria de credito, que bem se póde considerar como um caminho de consolidação».

TOOM MOORE
Um grande artista do cinema americano em Lisboa

São particularmente apreciados entre o nosso publico frequentador dos cinemas os artistas americanos da especialidade. O seu arrojo, a sua arte, a sua coragem, o seu conhecimento de todos os «sports» fazem o encanto da gente moça. Está nestes casos o grande actor Toom Moore, que reaparece hoje no Condes na sensacional estreia da comedia «O guarda n.º 666». O 1.º episodio de «Vidocq, o Rei dos Policias», todas as noites vae assegurando o seu enorme exito de agrado, tão emocionantes são as peripecias da evasão dos forçados e outros dos seus curiosos episodios. Amanhã, estreia dum novo numero do «Jornal do Condes», o esplendido «magazine» de novidades, que semanalmente revela todos os sensacionaes acontecimentos do mundo inteiro.

VACINAS e SOROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA

Bacterina de Neisser
» » **Estafilococcica**
» » **Antimeningococcica**
» » **Acné**
» » **Estafilo-estreptococcica**
» » **Coli**
» » **Pyorrhéa, etc.**

Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas

SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA

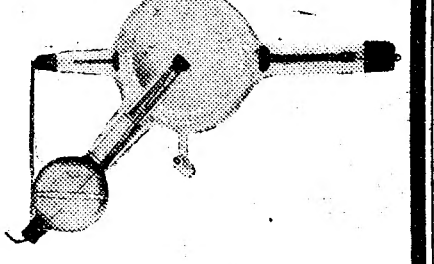
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

No Coliseu dos Recreios
Novos intermedios comicos pelos celebres «clowns»

São cada vez mais concorridos os espectaculos do Coliseu dos Recreios, onde está trabalhando uma companhia de circo que trás no seu elenco as maiores celebridades artisticas que se têm apresentado no estrangeiro.

No programa desta noite estão incluidos todos os artistas que compõem a companhia e que variarão os seus trabalhos, executando os celebres *clowns* Irmãos Albano, Irmãos Diaz e Carpi & Carpi, novos e engraçadissimos intermedios comicos.

O Coliseu dos Recreios, que é a mais ampla, mais comoda e mais elegante casa de espectaculos de Lisboa, continua a ser o ponto de reunião do publico da capital que ali gosa um magnifico e alegre espectaculo por um preço muito modico.



Ampolas para radiologia
«PHILIPS»
Concessionarios exclusivos:
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
=LISBOA==PORTO=

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

DA AMERICA

A MENSAGEM que leu ao Congresso o novo presidente Cooildge

WASHINGTON, 7

O presidente Coolidge leu ontem a sua mensagem no Congresso.

Expôs os seus pontos de vista sobre politica estrangeira dizendo:

«Devemos cuidar dos nossos assuntos e conservar as nossas forças para proteger os interesses dos nossos concidadãos, mas reconhecemos tambem a nossa obrigação de ajudar os outros embora reservemos o nosso juiso ácerca da oportunidade e metodo dessa ajuda. Este país recusou ratificar o acordo da Liga das Nações definitivamente, tomando em face dessa corporação toda a sua liberdade de acção».

O presidente Coolidge mostrou-se desfavoravel ao cancelamento das dividas de guerra não pondo porém objecções em ajusta-las aos principios adotados para com a divida inglesa. Disse mais que era necessario aumentar as forças navais, militares, aereas e submarinas e mostrou-se contrario á revisão das pautas alfandegarias. — (R.)

Não se reconhece
a Sociedade das Nações

WASHINGTON, 7

A mensagem do presidente Coolidge ao Congresso diz ainda que os Estados Unidos continuarão a politica correspondente aos seus proprios interesses, evitando entrar em alianças permanentes e fixando o seu proprio criterio no momento idoneo para prestar auxilio.

Coolidge declara não existir motivo para reconhecer a Sociedade das Nações.

«Temos interesses directos na reconstrução economica europeia — afirmou — e desejamos que a França receba as suas dividas e que a Alemanha resurja».

O senador M. Lenroot apresentou um projecto de lei autorisando um credito de 20 milhões de dollars para auxiliar a Alemanha. —(L.)

A lei
de proibição do alcool

NEW-YORK, 7

Foram condenados, por transgredirem a lei da proibição, onze individuos, incluindo Emanuel Kessler. Seis dos condenados terão que cumprir penas de seis anos de prisão e multas de 2:000 dollars. Os restantes foram condenados a penas menores.—(R.)

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 4356 «Réprise» sensacional
O JOAO RATÃO
A mais bela peça portuguesa — O sucesso incontestavel — O ponto de reunião obrigado — A alegria de Lisboa

TEATRO SÃO LUIZ
E. A. Ramos, L.—TOURNÉE GITEIN-CRABBÉ
HOJE — Sexta-feira
7.ª recita de assinat. de OPERA DE CAMARA
Festa artistica do celebre soprano ligeiro Angeles Ottein — Ultima representação da opera «La Serva Padrona» — Rondó da opera de Donizetti «Luccia de Lamermoor» — Ultima representação da opera «Le Maitre de Chapelle».
AMANHÃ — Ultima recita e despedida

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

UM DEBATE

AS ACUSAÇÕES

feita contra

o antigo

governador

da provincia da Guiné

Carlos Pereira

Nos cafés, nos centros politicos, debaixo das arcadas, nos corredores do Ministerio da Colonias, o assunto de discussão foi o caso levantado no Parlamento, envolvendo o sr. Carlos de Almeida Pereira, ex-governador da Guiné, numa concessão de terrenos. Fomos ouvir este colonial, sobre a razão da acusação:

—Vou contar-lhe: Fui nomeado governador da Guiné em 1910. Em 1911, foi-me apresentado a informar um requerimento em que os comissarios de toda a ilha de Pecixe, tendo expirado o prazo da concessão, vinham declarar que a não podiam explorar.

—Os motivos alegados?

—Por essa ilha não estar ainda sob a ocupação efectiva do Estado. Por isso, pediam-me uma prorogação.

—E indeferiu o requerimento?

—Informei que, subsistindo as razões alegadas pelos concessionarios—falta de ocupação efectiva—e continuando o governo impossibilitado de a garantir, entendia que se não devia prorrogar o prazo, pois em tais condições nem a mesma concessão devia ter sido dada.

—Porquê?

—Não era licito conceder uma ilha completa, pois assim nem se garantiam as reservas para os indigenas.

—Para onde seguiu o processo?

—Para a Metropole, onde o respectivo ministro lançou o seu despacho, indeferindo o pedido.

—Isso passou-se em...

—1911. Decorridos alguns anos efectivou-se a ocupação da referida ilha de Pecixe, fazendo-se primeiro a ocupação militar e entrando-se depois no regimen de administração civil.

—Quando deixou o governo da provincia?

—Em meados de 1913. Sete anos depois da minha informação e cinco anos depois de deixar de ser governador da Guiné, já eu como simples cidadão, residente na metropole requeri, ao abrigo das leis em vigor, a concessão de terrenos na circunscrição civil da Costa de Baixo que pertencia á ilha de Pecixe.

—E foi-lhe concedida?

—Em 1921, três anos depois de pedida, foi-me dada a concessão nos termos da lei.

—O ministro que lhe deu a concessão...

—Foi Paiva Gomes, meu adversario politico. Como lhe posso provar com o aviso publicado no «Diario do Governo», 2.ª serie de 30 de Abril de 1921.

—O decreto aprovando os estatutos da Companhia foi assinado pelo mesmo ministro?

—Não. Foi o sr. Rodrigues Gaspar, tambem meu adversario politico.

—Mas o senador Velez Caroço...

—Já lá vamos. Tendo-me proposto candidato a senador pela Guiné, quando já era governador o sr. Velez Caroço, meu feroz adversario politico, depois de luta renhida triunfou a minha candidatura.

—Depois?

—Depois surgiram os serodios protestos daquele senhor contra a minha concessão. A este protesto respondeu telegraficamente o sr. Rodrigues Gaspar afirmando que a concessão tinha sido dada com todas as formalidades.

—E sobre a sua nomeação para administrador da Companhia de Moçambique?

—Aí é que está a questão... Compreende o escrupulo que tenho em abordar o assunto, e por isso peço me não interroguê sobre este caso. Tudo quanto lhe acabo de expôr se póde provar com o «Diario do Governo», o processo e mais documentos em poder do ministro.

Um sarau academico

no Instituto Superior do Comercio

A Associação Academica do Instituto Superior de Comercio de Lisboa oferece ámanhã, na sue sédé, rua do Quelhas, 6, um sarau, seguido de baile, aos alunos matriculados pela primeira vez no corrente ano lectivo. A interessante festa, que promete ser muito animada, começa ás 21 horas.

A TARDE PARLAMENTAR

As propostas

do ministro das Finanças

vão ser discutidas

na proxima segunda feira

A meio da chamada, encontram-se na sala, dos nacionalistas, sómente os srs. Barros Queiroz e Ribeiro de Carvalho. Chama-se a isto, num país em que tudo anda ao contrario, apoiar o governo.

Concluida a chamada, verifica-se a presença de mais alguns governamentais. Ao todo—estão nove! Muito resiste o sr. Ginestal Machado ás desilusões.

* * *

A sessão começou com 44 deputados. Na presidencia, o sr: Joaquim Brandão, cresce em simpatia para a tribuna da imprensa, pelo ar resignado com que lê a acta. O sr. dr. Domingos Pereira sempre aplica cada castigo aos seus amigos pessoais...

* * *

O sr. Plinio Silva diz que o assunto que vai tratar reveste a maior gravidade, chamando a atenção do governo e, em especial, a do ministro do Comercio.

Trata-se da reorganização dos caminhos de ferro e, na falta do titular do Comercio, é atendido o orador pelo das Colonias.

Declara inconstitucional a ultima reforma, que criou situações insustentaveis. O partido nacionalista, agora no poder, tem o dever de olhar pelo assunto.

* * *

De seguida o orador apreciou largamente a questão dos caminhos de ferro, acusando de ilegalidades o Estado no sua acção atravez varios governos. Sobre os diplomas publicados, fez incidir uma severa critica. Acusa o sr. Vaz Guedes, seu correligionario de ter revelado a maior incompetencia na gerencia da pasta do Comercio. Tambem nega ao sr. Pedro Pita preparação e qualidades para nessa pasta fazer qualquer coisa.

* * *

O sr. Plinio da Silva comenta que o actual governo não tivesse revogado os diplomas promulgados pelo sr. Vaz Guedes, terminando por apresentar um projecto de lei em que, além dessa revogação, se estabelece uma comissão tecnica para estudar as alterações a introduzir na doutrina dos diplomas a revogar. Requer urgencia e dispensa de requerimento.

* * *

O sr. Pedro Pita respondeu, como ministro do Comercio, alegando que encontrou diplomas no *Diario do Governo*, devidamente legalizados pelo seu antecessor. Quanto a modificações, a Camara que delibere ante o projecto do sr. Plinio da Silva.

* * *

O sr. dr. Julio Dantas apresenta uma proposta do Governo, auctorizando o Governo a celebrar um tratado comercial, com a base da reciprocidade, com o Brasil, Justificou-a larga e brilhantemente.

* * *

O sr. Agatão Lança envia para a mesa uma moção estabelecendo a interpretação de uma disposição regimental. Seguidamente, expõe a situação dos mutilados da guerra, censurando vivamente o procedimento havido com eles. Recorda os sagrados sacrificios feitos á Patria pelos mutilados, terminando por apresentar um projecto de lei confirmando e ampliando os seus direitos.

* * *

O sr. dr. Julio Dantas, concluido o seu discurso, visita a bancada monarquica. Ha amigas e fraternais saudações. Quão doce é recordar... antigos tempos!

Na mesa põem-se á votação varios pormenores da operosidade dos legisladores. Aprova-se e regeita-se. Coisas miudas.

* * *

O sr. ministro das Finanças declara que a dura necessidade de aumentar a circulação fiduciaria, obriga á contra-partida de medidas essenciais de economia, pois o aumento de despesas desmentirá os bons intuitos apresentados á opinião publica para justificar esses aumentos.

* * *

Depois de firmar este criterio, o sr. Cunha Leal anuncia uma proposta. Se o Parlamento a não votar, saberá o caminho a seguir. Ou confiar nas suas intenções e verdade das suas palavras. E acentuou:

— Mas não desejo abandonar este posto onde me sinto bem, onde acredito que posso prestar serviços ao meu país. Necessito, porem, de contar com a colaboração parlamentar. Para *empata*, não sirvo!

* * *

O requerimento consiste em que as propostas do sr. Cunha Leal comecem a ser discutidas com ou sem pareceres, na segunda-feira.

* * *

Entre os srs. Vasco Borges e Alvaro de Castro, trocam-se alguns discursos ainda sobre aplicações de doutrina em consequencia do caso José Domingues dos Santos.

Perentoriamente, o sr. Alvaro de Castro, diz:

—Não ha, dentro de uma democracia, duas categorias de cidadãos. Uns, a quem se aplicam as leis geraes; outros, em reduzido numero que vivem em especial regimen de favor.

O debate originou esta declaração do sr. ministro das Colonias:

—Se o sr. Rodrigues Gaspar me tivesse dado conta do decreto nomeando o sr. José Domingues dos Santos, eu teria procedido á sua ratificação.

* * *

O sr. Vicente Ferreira:—Mais uma vez declaro que, neste triste incidente, não ha uma questão de pessoas, mas á forma como o decreto foi feito.

E seguiu, demonstrando a correcção do seu procedimento como ministro das Colonias.

* * *

O requerimento do ministro das Finanças foi aprovado por 50 votos contra 5.

DE LUTO

Joaquim Martins Manso

Faleceu no Panascoso o sr. Joaquim Martins Manso, abastado proprietario, tio do nosso querido director sr. dr. Joaquim Manso. O *Diario de Lisboa* apresenta as suas condolencias á familia enlutada, especialmente á viuva sr.ª D. Narcisa da Conceição Godinho Manso e a seus filhos.

Tomás Maria Soares

Realizou-se hoje o funeral do sr. Tomás Maria Soares, saindo o prestito funebre da rua de S. Paulo, 104, para o cemiterio oriental. O acompanhamento que era a pé e de trem foi concorridissimo devido ás qualidades de caracter do falecido. Fizeram-se representar algumas das nossas principais casas comerciais e o *Diario de Lisboa*, pela direcção, administração e redacção pelo nosso amigo sr. Manzoni Sequeira.

Perfumaria «FLOR DE LIZ»
Artigos de beleza e caracterização
RUA NOVA DO ALMADA, 83

«FOOT-BALL»

A CONSTITUIÇÃO

do "onze"

espanhol

que jogará

contra os portugueses

no dia 16 de Janeiro

O terceiro desafio internacional, entre Portugal e a Espanha, constitue o assunto de todas as horas nos meios «sportivos» portugueses, podendo afirmar-se, sem receio de exagêro, que mais de 100:000 pessoas se interessam hoje no país pelo grande encontro donde ha de sair a afirmação da representação do «foot-ball» português das olimpiadas de Paris.

Dos desafios de domingo que vem, depende ainda a formação do «team» de Portugal, mas pode quasi asseverar-se a escolha destes seleccionaveis:

Francisco Vieira ou Manuel de Sousa; Azevedo e Pinho ou Ferreira; Portela, Silva ou Filipe, Fernando ou Pinho; Rio ou Alberto Augusto, Crespo, Alberto Augusto ou João Francisco, José Rodrigues e Fernando Antonio.

Da linha espanhola pouco ou nada se sabia de certeza. Por noticias hoje chegadas a Lisboa se verifica que a Real Federacion Española havia já assentado nos seguintes nomes: Zamora; Vallana e Herminio; Samitier, Meana e Corsino; Gomez, Cros, Alcantara e Bran.

Faltava-lhes apenas um *meia ponta direita*.

O mau trabalho de Cros no desafio Barcelona-Europa, eliminou a possibilidade da sua inclusão. Em troca, surgiram aos olhos dos membros do Comité Espanhol, como seleccionaveis: Sancho e Piera. E tal foi a atuação de Samitier o avançado centro que um dos directores da Federação do visinho reino afirmou a um jornalista que: «depois do fracasso de Cros, não ha nenhum avançado centro em Espanha, que faça o que faz Samitier».

A inclusão deste em tal logar é pois certa, apenas subordinada á maior ou menor facilidade em arranjar quem o substitua na «linha média».

Os nossos jogadores partem para Sevilha na proxima quinta-feira, no comboio especial, porque ao contrario do que se propalou, realisa-se de facto o comboio Lisboa-Sevilha e volta. Para completar a lotação deste, faltam apenas duas escassas dezenas de passageiros, que decerto aparecem a engrossar a hoste dos portugueses que ao campo de Sevilha vão encorajar e entusiasmar os nossos representantes.

Aos nossos jogadores estão preparadas grandes festas: recepção, banquete de honra, passeios aos arredores e recita de gala que—como o desafio—será presidida pelo infante D. Antonio.

NO POLITEAMA

"La casa secreta,,

de Niccodemi

(Vêr continuação na 5.ª pagina)

pressão da sua formidavel tragedia, escondendo a face entre as mãos, ou ajoelhando em frente da cadeira e caindo de bruços sobre ela. Perdeu assim ocasião de, sem prejuizo da arte, nos confirmar qualidades histrionicas que em outras peças deixou bem vincadas.

Notou-se tambem na plateia o desdem com que Cimara corresponde aos aplausos dum publico que tem visto desfilar nos seus teatros os melhores actores mundiais!

A *mise-en-scène* admiravel. Maravilha de arranjo scenico aquele segundo acto!

J. de O.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM ACENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
MUDOU-SE para a R. DOS FANQUEIROS, 114